

PROLETÁRIOS DE CASACA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

LUIS FERNANDO CERIBELLI MADI – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – WILSON CANO

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

SILVIA HUNOLD LARA (coordenadora) – SIDNEY CHALHOUB

MARTHA ABREU – JOÃO JOSÉ REIS – ALCIR PÉCORÁ

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA

MARIA HELENA P. T. MACHADO – ROBERT WAYNE ANDREW SLENES

Consultoria deste volume

MATTHIAS RÖHRIG ASSUNÇÃO – BEATRIZ GALLOTTI MAMIGONIAN

FABIANE POPINIGIS

PROLETÁRIOS DE CASACA
TRABALHADORES DO COMÉRCIO CARIOCA
(1850-1911)

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Popinigis, Fabiane.
P812p Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911 / Fabiane
Popinigis. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

1. Comerciantes. 2. História social. 3. Trabalhadores – Rio de Janeiro (Estado).
I. Título.

CDD 308-1
309
301.4442098153

ISBN 978-85-268-0778-5

Índices para catálogo sistemático:

1. Comerciantes	380.1
2. História social	309
3. Trabalhadores – Rio de Janeiro (Estado)	301.4442098153

Copyright © by Fabiane Popinigis
Copyright © 2007 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiça no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia 1870-1910*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.

25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*.

27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.

Para meus pais, Flávio e Neusa.

Para meu irmão, Fábio.

AGRADECIMENTOS

A maior parte da pesquisa do doutorado foi realizada no Arquivo Nacional, onde Carla, Jaques, Helena, Sátiro, Rogério e Valéria, assim como todo o pessoal de lá, foram muito atenciosos e sempre encontraram maneiras de resolver eventuais problemas na disponibilização das fontes, que encontravam e traziam até nós. Quando eu e Cristiana Schettini voltávamos andando do Arquivo até a Biblioteca Nacional, passávamos pelas ruas comparando-as com a localização das que havíamos encontrado nas fontes. No Amarelinho, relatávamos os “causos” e as descobertas da pesquisa. Mais tarde, as discussões passariam a ser via net, persistindo sempre. Várias dessas conversas estão nestas páginas, muitas das quais ela leu e comentou atentamente.

Agradeço ao pessoal da Biblioteca Nacional, onde iniciei a pesquisa no Rio de Janeiro. Ali encontrava muitos colegas e com frequência Leonardo Pereira, que, além de me apresentar os primeiros arquivos da cidade, leu e discutiu os projetos iniciais de minha pesquisa. Antes disso, a beleza e a competência de seu próprio trabalho são, por si mesmas, um incentivo. Sou grata também ao pessoal da Biblioteca do IFCH, a qual frequentei desde a graduação. Nesse tempo fui incentivada pelo professor Michael M. Hall à pesquisa e ao trabalho acadêmico através de seus relevantes comentários e preciosas indicações bibliográficas a respeito dos movimentos sociais e da história social do trabalho.

Ensaiei meus primeiros passos no Arquivo Edgar Leuenroth, onde todos sempre me atenderam com prontidão e simpatia. Nas pausas para o almoço ou no final do dia, tinha com Marcelo Balaban inspiradoras conversas a respeito dos meus “caixeiros exploradores de patrões”. Devo muito aos seus comentários exigentes e às imagens que ele me forneceu.

A Uliana, Luciana, Flávia e todo o pessoal do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT), a quem devo a competência e a disponibilidade com as quais sempre pude contar. Fazer parte dos grupos de pesquisadores do Centro foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa e os rumos que ela tomou. As aulas e discussões com os professores Silvia H. Lara, Clementina Pereira da Cunha e Robert W. Slenes são parte significativa de minha formação. Ao Claudio Batalha devo inúmeras referências, indicações, conselhos, leituras e ajuda inclusive nos trâmites burocráticos para o estágio de pesquisa em Paris. Lá, graças ao professor Luiz Felipe de Alencastro, tive a possibilidade de acesso aos arquivos e às descobertas que as maravilhosas bibliotecas me reservavam. Além disso, com sua visão abrangente das conjunturas históricas, ajudou-me a ampliar o horizonte da argumentação. Valéria, Danielo, Sara, Xerxes e Fride ajudaram-me a me “achar” em Paris.

Quando voltei, Hélio da Costa leu e comentou todas as primeiras versões da tese. Ele me transmitiu enorme calma, tranqüilidade e carinho mesmo nas piores horas, com sua experiência de historiador social, militante e ser humano. Foi acrescentando humor aos dias difíceis, fazendo comentários hilários nos momentos mais críticos, que Cassiano Terra Rodrigues auxiliou com a revisão da primeira versão da tese. Fernanda Raquel (tão longe, mas sempre perto) leu comigo cada página que se segue, com um olhar crítico aguçado que é todo dela, mas com uma atenção especial que certamente é amor.

Algumas pessoas especiais se embrenharam comigo nessa trajetória: Eleonora Frenkel esteve sempre me aconchegando, com calma e certeza. Veronique ofereceu-me, além da amizade, as correções dos textos em francês; Bia, amizade e seu apoio “logístico”; Lê, Lu, Ricardo, Rex, Tina, Ana, Tosta, Rosa, Vanessa, Andressa e Osíris, o carinho, longe ou perto. Os colegas Paulo Fontes, Antônio Negro, Alexandre Fortes, Henrique Espada, Cláudia Fuller, João Paulo Rodrigues e Alexandre Lazzari contribuíram, de um jeito ou de outro, com seus comentários, dicas, informações e, é claro, pondo sempre em dia as crônicas de botequim.

Este livro é uma versão da tese de doutorado. Os comentários e críticas de Marta de Abreu Esteves e Fernando Teixeira da Silva na banca de qualificação foram de grande valia para esta versão final. Graças a eles, o livro terá alguns equívocos a menos. Isso devo também às observações de Beatriz Mamigonian e Matthias Röhrig Assunção.

Sidney Chalhoub esteve presente em todos os momentos. Com ele aprendi o ofício de historiador, admirando sua sensibilidade para a interpretação das fontes e sua queda pelo não-óbvio; sua rebeldia intelectual e seu ímpeto criativo, enfim. Este trabalho faz parte da admiração que tenho por ele.

Nada disso teria sido possível sem o apoio financeiro da FAPESP, desde o doutorado, passando pelo estágio na França até a publicação do livro.

Felizmente sempre pude contar com o apoio de minha família, que me incentivou, compreendeu e apoiou minhas decisões (e indecisões) por mais que lhes parecessem extravagantes. A família cresceu e quase junto com este livro nasceu minha filha. Tinha razão um amigo quando dizia que não há amor maior do que o que a gente sente pelos filhos.

Carolina, que, ao invés dos olhos tristes da música, tem olhos atentos e brilhantes. Como o pai dela, com quem partilho a vida e a sorte de ter encontrado o grande amor.

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe;
mas principal quero contar é o que não sei se sei, e
que pode ser que o senhor saiba.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

SUMÁRIO

PREFÁCIO	19
INTRODUÇÃO	23
1 DOMINGO DE TRABALHO E COMPRAS	33
2 "DEIXEM-NOS O DOMINGO" PROTESTO SOCIAL E REGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO NO COMÉRCIO	105
3 VIDA DE BOTEQUIM CAIXEIROS NOS PROCESSOS CRIMINAIS ENTRE 1890 E 1911	169
EPÍLOGO	241
FONTES E BIBLIOGRAFIA	247

PREFÁCIO

Vinde, leitor patusco, aqui há história para todo gosto. Cidade do Rio de Janeiro, virada do século XIX ao XX, Campo de Santana, domingo regalado, com direito a rega-bofe, viola, cavaquinho, choro bem rasgadinho. Aferventa, aferventa! Desçamos pela Rua Visconde do Rio Branco, em direção à Praça da Constituição, ou Praça Tiradentes, pois já se foi a Monarquia. Antes de avistar a imponente estátua eqüestre do primeiro imperador, quebreiros à direita, na Rua do Lavradio. Alegres, um pouco trôpegos, exalando parati, espíemos para dentro da padaria no número 13, seu atendente no balcão, a gritar com o trabalhador da masseira, a fazer correr o entregador de pão, que passa zunindo. Há rolo no botequim ao lado, segundo conta o sapateiro Batista, que vira o caixeiro português do estabelecimento baixar o taco de bilhar na cabeça de um brasileiro, trabalhador, preto. Adiante, na entrada de uma casa de cômodos, um grupo de trabalhadores conversa numa algaravia estranha, que parece espanhol, prontos para tomar uma saideira no botequim logo à frente. Animada a rua toda, botequins, vendas, casas de mulheres, cafés cantantes. Irresistível a parada no “High-Life”, para rir com os amigos caixeiros, ouvir música, tentar a sorte com as mulheres.

Já no fim da Rua do Lavradio, perto da Rua do Riachuelo, no número 186, outra casa de cômodos, onde há também um botequim. De novo, o rolo acontece entre um brasileiro e um português. Francisco Velloso, o brasileiro, empregado no comércio, morava ali havia 11 anos. Naquele dia, ao tomar banho, viu secar a água. O português Abílio havia fechado o registro. Os dois chegam à rua atacadados, Velloso nu em pêlo para deleite da platéia, logo numerosa. Lopes, inspetor de polícia, vizinho, morador no número 182, aparece para conduzir os brigões à delegacia. Enquanto isso,

no botequim contíguo à casa de cômodos, o caixeiro português Manoel labuta sem parar há mais de 12 horas, repete os pedidos dos fregueses aos berros, vai e vem de mesa em mesa, resmungando consigo pelo domingo sem folga. Como ele tantos outros trabalhadores do comércio, amarrados nas teias do paternalismo dos patrões, moradores nas mesmas vendas e botequins em que trabalham, proprietários por perto, a vigiar diuturnamente, a querer dulcíssima tal exploração atroz.

Vade-retro, leitor patusco. Que venha agora o grave, semblante sisudo, a cumprir o dever de discursar contra a suposta falta de consciência de classe dos empregados do comércio carioca, que têm dificuldade de organizar associações combativas, mostram-se incapazes de perceber os interesses políticos comuns que os unem à classe operária. A tal leitor Fabiane Popinigis dedica dois capítulos. No primeiro dissecar a historiografia nacional e internacional sobre o tema, demonstra com agudeza crítica a precisão de entender a experiência e os modos de atuação política dos trabalhadores do comércio segundo as circunstâncias históricas deles, não a partir de algum modelo abstrato de desenvolvimento da consciência de classe. No segundo, resultado de pesquisa arquivística rigorosa, traz à tona os argumentos dos caixeiros para lutar pelo fechamento das portas aos domingos e, mais tarde, também pela limitação da jornada de trabalho.

Nos primeiros tempos, meados do século XIX, os caixeiros haviam recorrido a motivos religiosos para exigir o repouso dominical e o respeito aos dias santos. Chegada a República, reivindicam cidadania social, clamam pela intervenção do Estado na regulação e controle das relações de trabalho, num contexto em que o velho paternalismo patronal parece cada vez mais inadequado diante das amplas transformações na estruturação do trabalho e nos modos de produção e circulação inerentes à era do imperialismo e do capitalismo desenfreado da *belle époque* ocidental. A dimensão internacional desses eventos aparece no texto em perspectiva comparativa e a partir da visão dos próprios trabalhadores do comércio carioca. Em perspectiva comparativa porque a autora estudou e apresenta aqui uma breve história das lutas dos empregados do comércio